

# Stadium

N.º 200 — 2 de Outubro de 1946 — Esc. 2\$00



**MATEUS**

UM JOGADOR DE FUTEBOL QUE, NO LOGAR DE MÉDIO, TEM  
PRESTADO PROVAS BRILHANTES NO FUTEBOL PORTUGUÊS

# *A Iluminante*

Material eléctrico  
para  
todas as aplicações

Avenida Almirante Reis, 6  
Largo do Intendente, 11 a 17  
LISBOA

Rua Passos Manuel, 209  
PORTO





O ATLÉTICO venceu,  
com MÉRITO indiscutível!



1 - Machado continua dando mostras de ser um guarda-rede... acrobático. El-lo em vôo esforçado a uma bola que passou tão pertinho...

2 - Os «atléticos» nunca demoraram os remates.

3 - Moreira devolve, de cabeça, uma bola que os avançados do Atlético pretendiam levar ao bom caminho...

4 - Outro momento de perigo em frente das redes do Benfica.

5 - A luta pela bola!



# As surpresas são necessárias aos Torneios

## O que valeu a jornada como revelação de valores

Crónica de TAVARES DA SILVA



OI transposto mais um degrau, a terceira jornada do Campeonato de Lisboa de futebol. Uns subiram-no com alegria. Outros com tristeza. E' assim a competição.

Como sempre tem sucedido através dos tempos, a sorte favoreceu alguns concorrentes e mostrou-se esquiua para outros. Não nos devemos esquecer que o futebol é um jogo desportivo, havendo portanto um determinado quociente de imprevisão e de surpresas. De resto, competição sem surpresas é dia sem sol, ou noite sem luar. Falta-lhe alguma coisa. Quando, numa jornada, um dos que normalmente perde consegue vencer qualquer dos Grandes, devemos dar-nos então por satisfeitos. Tal complica geralmente as coisas, dando interesse aos torneios.

A vitória do Atlético vinca o nivelamento de forças concorrentes que se estava accentuando. Pondo de lado o Oriental (há em cada jornada uma vítima!), esse nivelamento verificou-se igualmente nas Salésias. Uma equipa como a da Cuf bateu o pé e não se deu por vencida em frente do poderoso Belenenses.

Os grupos aperfeiçoam os seus sistemas e planos, tentando várias experiências, umas provocadas pela inexorável lei das lesões, outras por considerações de ordem táctica. Uns clubes vão mais adiantados do que outros, quanto à forma. Quase todos, porém, são susceptíveis de melhoria.

Esta jornada deu-nos ainda a consagração de alguns valores novos. Travassos, que já se afirmara na Cuf, está a brilhar no Sporting como estrela de primeira grandeza. Vasques destaca-se também. No Atlético estreou-se um centro novo, vindo do União de Montemor. Sabemos que outros clubes dispõem ainda de unidades para entrarem na liça. Por exemplo, o Benfica já conta com um interior do Sanjoanense (Baptista, se não estamos em erro!), e o Sporting não desiste de levar

para as suas fileiras um elemento de grande futuro.

A classificação geral acha-se estabelecida da seguinte maneira: Sporting 9 pontos, 3 vitórias, 17

Aos poucos, sem dúvida alguma, os leões consolidam o seu sistema, tornando cada vez mais destros os seus elementos. A Direcção do clube tem trabalhado com

os seus jogadores mais nas vistas porque, além de tudo, ainda atirou remates como balas.

Da parte do Oriental notou-se sempre um grande desejo de corresponder à categoria do adversário, lutando com ânimo em todas as condições e circunstâncias. O team começou a jogar com o plano de marcação adoptado precisamente pelos leões, o mais generalizado entre nós. Mas a certa altura, ou fosse pelo poder de execução do adversário, ou pela sua brilhante desmarcação, ou mesmo por falta de fôlego da sua parte, o sistema ruiu, e de tal modo que houve a sensação nítida de que algumas unidades do ataque sportinguista não se encontravam vigiadas. Pode ser que aqui ande também a própria qualidade e competência do adversário!

Com um pouco mais de prática e saber, os rapazes do Oriental veriam que, desperdiçando menos energias, jogariam muito mais. Não é melhor jogador aquele que é mais fôssão, embora se trate de um requisito a ter em conta em futebol. Tal como as coisas decorreram, os jogadores do Oriental que estiveram mais em foco foram os da defesa. E comportaram-se bem, podendo apontar-se-lhes, no entanto, como deficiência, falta de rapidez. Jogadores corpulentos precisam de muita ginástica para a prática do futebol.

**Sporting** — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Canário, Barrosa, Mateus, Jesus, Vasques, Sidónio, Travassos e Albano.

**Oriental** — Fernando, Custódio, Morais, Isidoro, A. França, Carlos Costa, Moura, C. França, Augusto, Vicente, Bettencourt.

**Arbitro** — Domingos Godinho.



Travassos, num salto magnifico

bolas contra 5; Benfica 7 pontos, 2 vitórias e 1 derrota; Belenenses 7 pontos, 2 vitórias e 1 derrota; Atlético 6 pontos, 1 vitória, 1 empate e 1 derrota; Oriental 4 pontos, 1 empate e 2 derrotas; Cuf 3 pontos, 3 derrotas.

No próximo domingo disputam-se os seguintes encontros: Belenenses-Sporting, Benfica-Oriental e Atlético-Cuf.

### A consagração de 2 interiores



Sporting venceu excelentemente o Oriental. Quando um clube ganha tão nitidamente, nem o outro, aquele que perde, tem nada que dizer — Pronto.

E' o jogo. Acabou-se. E não se jala mais nisso...

invulgar tenacidade: tapando aqui um buraco, descobrindo ali um novo elemento. Sente-se que o team está mais sólido. Quase que desapareceram todas as brechas que se verificavam nas três linhas. Talvez a medular precise ainda de um retoque, e estamos daqui a vê-lo. No resto, bem. Muito bem, mesmo. Porque não é por acaso que um team joga com tal perfeição, ligadas as suas células e combinados os seus valores. Todavia, relativamente às alterações operadas, importa afirmar que a linha dianteira desenvolveu trabalho brilhante, fazendo-nos recordar tempos do passado.

Passamos por cima do centro Sidónio, que, em tarde aziaga e pela sua lentidão, não tornou em realidade o massacre. Os extremos comportaram-se como é lícito exigir das suas possibilidades, e as honras da tarde foram todas inteirinhas para os novos interiores, Travassos e Vasques.

Os lances de ataque foram inspirados por estes elementos, tendo a sua marca, o sinal da sua garra. O mais curioso do caso é que, sendo dois jogadores diferentes, cada um com seu temperamento e disposição (em Travassos há fogo, e Vasques dispõe de pés que são uma maravilha!), se completam no jogo harmoniosamente. Talvez por isso mesmo. Travassos

### A inesperada derrota do Benfica



CONTECE sempre assim! Antes da partida se realizar, um team é favorito. Mas no jogo tudo se passa de maneira inesperada e diferente do que se supunha, e a vítima transforma-se em tirano com facilidade impressionante. Então diz-se: *Afinal, o Atlético venceu muito bem. Mereceu. Jogou melhor.*

Significa isto que todos os cuidados são poucos relativamente a todos os encontros. De resto, o



Atlético vinha a dar provas de que não se resigna facilmente a condição de humildade. Quer crescer e chegar à altura dos Grandes.

É certo que o Benfica jogou sem Francisco Ferreira, e tal representa uma atenuante para a sua derrota. Quando se diz que um *team* não pode viver de uma individualidade, ou mais, enuncia-se uma coisa que teóricamente está certa. Mas é incontrovertido que há figuras exercendo enormíssima influência nos quadros. Francisco Ferreira está nessas condições. Todos dizem que os *encarnados* jogaram na Tapadinha sem o fogo e a paixão de outras vezes. Isto levamos a crer que o médio F. Ferreira, se tem jogado, teria arrasado (ou poderia tê-lo feito!) o *team* à vitória. Pelo menos, e isso nos parece importante, o grupo não se entregaria sem derramar a última gota...

Deve anotar-se que o Benfica esteve num dia de futebol confuso, em que tudo sai mal, e em que nem as boas intenções resultam. Em contraste, o Atlético viu-se em tarde de acertos. Mas os atléticos (honra lhes seja!) sobearam forçar o andamento do jogo, não só pela sua espantosa força de vontade, como ainda organizando-se.

Os jogadores do Atlético resolveram-se a actuar, antes de mais nada, com valentia e dureza, aliás, de um modo geral, nos cânones regulamentares. Como que a impor a sua palavra ao adversário, dizendo-lhe: *Estamos dispostos a tudo*. E estavam, de facto. Organizada a defesa, o Atlético pensou no ataque, e teve a boa fortuna de encontrar valores com a indispensável vocação de jogo. Todos nos referem o melhor possível de Gregório, no posto de interior, o que deu expressão prática ao triunfo atlético. Uma das suas bolas fez subir a bandeira no mastro de honra!

Enquanto que, no lado contrário, jogando Moreira, atrasado, só Espírito Santo insistia, em lances de mestre, no jogo, querendo vencer e mostrando fibra de atleta. Nestas condições, a surpresa da jornada número três—quase deixa de o ser.

**Atlético**—Correia, Baptista, Castro, Galinho, José Lopes, Morais, Manuel da Costa, Armando, Amaral, Gregório e Marques.

**Benfica**—Pinto Machado, A. Teixeira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Félix, Mário Rui, Arsénio, Espírito, Corona e Rogério.

**Árbitro**—Henrique Borges Leal.

### Jogo de fraca qualidade



UCEDE, algumas vezes, um grupo não carrilar mas acertar o outro. Porque na bola tudo é possível, também acontece haver, em certos desafios, a impressão de que certos adversários estão à compita a ver quem joga pior... E muitas vezes é difícil saber ao certo de que lado está o futebol menos mau.

Da parte do Belenenses, o caso é mais de estranhar. Quando se diz ter os *azuis* confiado demasiadamente, talvez não se esteja dentro da verdade. Hoje, sabe-se muito bem, e o treinador be-

nenses melhor que outra pessoa qualquer, que todos os desafios são difíceis. Bem sabemos que o jogador não encara todas as partidas da mesma forma. A umas liga, insensivelmente, a ideia de facilidade. A outras, o contrário. Mas isso não chega para justificar uma exibição francamente desoladora, especialmente no capítulo de ataque, pois a defesa mantém a sua estrutura e organização. O Belenenses jogou mal, sem ligação e clareza.

Relativamente, o grupo da Cuf comportou-se melhor. Atacou sempre que pôde, e não perdeu nunca o sentido de ataque. E defendeu-se com tenacidade. Nem sempre os movimentos da equipa resultaram com a ligação que caracteriza o bom futebol, mas devemos ter em conta que o *team* ainda não encontrou a sua formação definitiva.

O crítico Manuel Mota, no *Mundo Desportivo*, justifica o comportamento da Cuf da seguinte forma:

«A Cuf apresentou uma equipa diferente das que a representaram nos dois primeiros jogos do campeonato. Isto quer dizer que os seus dirigentes procuraram a melhor formação possível de entre os elementos com que contam.

O rearmamento de Eduardo Santos deve vir a reflectir-se na confiança do grupo, ainda que ontem a sua exibição não alcançasse grande realce. Mas não há dúvida de que nas circunstâncias actuais a presença de Eduardo Santos constitui bom reforço para o «onze».

**Belenenses**—Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Armando, Elói, Andrade, Quaresma e Rafael.

**Cuf**—Eduardo Santos, Marques, Armando, Curtinhal, Bernardo, Gastão, Serra, Armando Carneiro, Sousa Pereira, Correia dos Santos e Vicente.

**Árbitro**—Mário Sanches.

**Esclarecendo**—Julgamos ter falado claro. Mais. Ter feito a demonstração perfeita de que determinado passo de um nosso artigo, a propósito do Benfica-Cuf, não podia ferir o jogador Rogério. O órgão do Benfica aceita a devolução. Mas acrescenta:—Se não havia ideia mais ou menos reservada, a que veio então a confusão que T. da Silva estabeleceu? Ora, a confusão foi estabelecida pelo próprio inquiridor, lendo o que não havíamos escrito...

E ainda:—Que pretendeu T. da S. dizer na sua?

Coisa tão simples. Que desejávamos ver, e regozijávamos o facto, em Rogério, um jogador mais ousado. Eis a verdade, pura e simples. Aceitamos as pedras quando damos o flanco. Dói-nos o comentário desagradável quando não há a menor razão para o sofrermos.

**A Iluminante**  
MATERIAL ELECTRICO  
PARA TODAS AS  
APLICAÇÕES

Avenida Almirante Reis, 6  
LISBOA

# Estoril, Arroios e Benfica

venceram os encontros da terceira jornada

DEPOIS dos encontros do último domingo, mais se acentuou a impressão de que o campeonato da II Divisão da A. F. L., que está a decorrer, tem na luta para conquista dos lugares de honra o seu principal motivo de agrado.

Não há, indubitavelmente, neste torneio de 1946-47, o interesse das anteriores «edições» da prova. O isolamento dum concorrente—o Estoril—à cabeça da classificação logo na segunda jornada é significativo.

No entanto, a prova pode «salvar-se» pelo comportamento das restantes equipas. E parece que é isso o que vai suceder, dada a maneira como elas alternam as vitórias com as derrotas... como que a ajudar o «leader», que assim se vai distanciando.

Do programa da terceira jornada, o Estoril-Sacavenense era o desafio de mais escasso interesse. Os estorilistas, a jogar em casa, pela terceira vez, mereciam amplo favoritismo, ao defrontarem o último classificado.

E com um expressivo 8-0 não se pode dizer que o não tenham confirmado. Simplesmente tardaram—e muito—o alcançar tão expressiva marca. Saliente-se que a cerca de dez minutos do fim, ainda a sua vantagem se cifrava em 2-0. E para mais realçar o comportamento dos

Sacavenenses, o seu desejo ardente de evitarem pesada derrota, acrescenta-se que, durante aproximadamente uma hora, a equipa só dispôs de 10 elementos.

O Arroios redimiu-se da fraca actuação do domingo anterior. Contra um Cesa Pia, que parecia a caminho de reabilitação, não se esperava que o novo divisionário vencesse tão bem a sua superioridade (3-0). É certo que um tento alcançado na primeira vantagem pode ter influenciado no espírito dos jogadores das duas equipas e de modo muito diferente... O que parece ponto assente é que tanto o Arroios como o Cesa Pia ainda não encontraram a necessária regularidade.

O Futebol Benfica e o Operário—dols sem campo neste momento—jogaram no terreno do Arroios. Os benfiquenses confirmaram as previsões.

Três pontos na primeira meia hora, que poderiam ser capazes de se reflectir na actuação das duas equipas, não surtiram qualquer efeito. E o Operário, reduzindo, até ao intervalo, a sua desvantagem para 2-3, deu, mais uma vez, mostras do ânimo dos seus jogadores. Este resultado manteve-se até cinco minutos do fim e só então veio a punição mais severa para o Operário.

Diamantino Dias

# Hipismo em Cascais

PREVIA-SE que o festival organizado pela Sociedade de Propaganda de Cascais, com a colaboração técnica da Sociedade Hípica Portuguesa, constituiu-se mais um êxito e acrescentar àqueles que o Concurso Hípico Oficial proporcionou.

O programa, bastante curioso, continha uma prova de parellhas mistas, semelhante àquela que em Lisboa tanto agradara, que finalmente se não realizou; uma competição em duas mãos, que sempre desperta interesse, e uma prova inédita no nosso país, chamada «camaradagem», em que o mesmo percurso era feito por dois cavaleiros, somando-se as faltas e os tempos, mas ainda com o ineditismo do segundo cavaleiro só começar depois do primeiro terminar a prova, fazendo-o no sentido inverso.

A expectativa não foi atalçoada. São necessários festivais como este para corresponder ao interesse e à dedicação que o público está manifestando pelo hipismo.

Nos breves apontamentos que apresentamos do festival deve figurar antes de qualquer outro o que se refere à vitória no comandante Rodrigo de Castro Pereira, que, montando o «Hopefull Don», conquistou, com dois percursos brilhantes, a «Taça Embaixador de Espanha». Foi o único concorrente

que realizou sem qualquer penalização os dois percursos, e isto indica-nos a dificuldade da prova, de resto já confirmada em competições em duas mãos anteriormente realizadas. Justíssimo a enorme ovação que recebeu.

O capitão José Carvalho teve com o «Zuari» e o «Tele» (2.º e 3.º classificados) actuação de mérito. É um magnífico concursista, neste momento muito bem servido de montadas de desporto.

Na prova «Monte Estoril Hotel» (camaradagem) estavam inscritos parellhas de muito valor, formando conjuntos de lemer, mas finalmente o triunfo veio a pertencer, e bem, diga-se de passagem, ao tenente Alves Pereira e alferes José Grenel, montando «Amok» e «Don», dois cavalos em que não se depositavam grandes esperanças, mas que «limparam» com o tempo mais rápido.

É justa uma referência ainda à parella formada por «Vouge» e «Guadiana», que os tenentes Joviano Ramos e Lemos da Silveira conduziram sem faltas creditando-se em 2.º lugar.

Assim terminou a temporada hípica em Cascais, que este ano foi extraordinariamente brilhante.

Antas Teixeira



# O Maçagista ANGELINO



mingo a domingo, permanecendo no campo desde que principia o primeiro jogo, mesmo no tempo em que havia quatro categorias. E durante a semana, por volta das 7 da manhã, já estou no campo à disposição dos nossos atletas — que a minha actividade estende-se a todas as secções do clube.

— Também às «Voltas a Portugal» — acrescentamos. Já a fiz 8 vezes, seis a convite da Organização e duas pelo Benfica. Também já fui seleccionado pela Associação de Futebol e pela Federação para ser o maçagista de jogos inter-cidades e no Portugal-Sulça.

— A missão do maçagista?  
— É utilíssima, como se compreende, na preparação dos músculos dos atletas, trabalhando-os e afinando-os para o grande trabalho a que vão ser submetidos. A maçagem é-lhes tão necessária como o ar. Nem sempre, porém, a nossa actividade pode dar ao jogador os benefícios que lhe seriam utilíssimos. Isto porque em Portugal, o jogador, como não vive só da bola, não se pode entregar a uma preparação intensa. Não podemos assim ocupar-nos como seria necessário dos seus músculos.

Ainda por este motivo há *mazelas* que se curam em oito dias mas o jogador insiste em que não se sente ainda curado e não quer voltar logo no próximo jogo. E porquê? Com receio de ficar impossibilitado por mais tempo, afectando a sua vida profissional.

Há ainda um pormenor interessante, o da sensibilidade do jogador quanto a lesões. Há os que a suportam quase de sorriso nos lábios, outros que *sentem* mais a dor. Como na vida!

Mas a nossa missão é relativa, pois que actuamos sob a indicação do médico. Somos apenas o primeiro socorro! E neste aspecto a nossa missão está actualmente muito aliviada depois da justa deliberação da Direcção Geral de Desportos que obriga a clube a ter no decorrer do desafio o seu médico, no campo.

Outro pormenor valioso. A criação do Centro de Medicina Desportiva. Uma ideia felicíssima. Um grande benefício para o desporto.

Mas a nossa missão, quando estamos no campo nem por todos é compreendida, e no entanto só devem encarar a nossa presença com o fim humanitário que ela de facto tem. Quantas vezes a multidão não nos tem poupado às suas expansões... Outras vezes sucede que pretendemos socorrer um jogador do grupo adversário do nosso e notamos-lhe a sua relutância em aceitar esse socorro, e o receio e a dúvida da boa intenção com que dele nos aproximamos.

— Mudando de conversa. Os seus 15 anos a ver futebol devem ter-lhe fortalecido uma opinião acerca do jogo?  
Angelino Fontes sorri à pergunta e escusa-se.

— Isso é para os técnicos.

— Mas o futebol tem-lhe dado boas e más recordações?

— Felizes, todas aquelas que o Benfica tem vivido; más, algumas *saldas* onde tenho chegado a ser atingido por agressões.

— Que impressões tem dos jogadores visto que com todos eles tem convivido de perto?

— De uma maneira geral — bons rapazes e amigos. Não há razão de queixa.

— Que jogos lhe são mais difíceis?

— Isso é uma questão de sorte. Por vezes, os desafios rijos não dão nada que fazer...

Porém estes os elementos que colhemos sobre a actividade de Angelino Fontes no desporto. É uma personalidade curiosa dentro do desporto da bola e um elemento de valor dos muitos que o Benfica tem sob a sua prestigiosa bandeira.

Fernando Sá

**É** uma figura conhecidíssima dos campos de futebol — medalha de dedicação do Sport Lisboa e Benfica e possuidor de umas mãos admiráveis no contacto com os músculos dos seus atletas. Eis Angelino Fontes. Trata-se de um elemento a quem o desporto nacional tem merecido atenção cuidadosa e um interesse que leva ao entusiasmo. O Angelino Fontes, o popular maçagista do Benfica, é um caso imprescindível dentro do próprio Benfica, pelos benefícios que lhe tem prestado a sua competência e pela presença dedicada e constante que ao clube tem dado. O mais ligeiro acidente, a necessidade de um auxilio, quando no campo os *encarnados* estão em luta, Angelino Fontes lá está, sempre pronto, os olhos dividindo-se pelo jogo e pelos atletas, de cujo físico ele tem sido um auxiliar precioso. Ainda o atleta não tem feito o sinal de que necessita da sua intervenção e já Angelino Fontes accorre pressuroso. Além disso, é um bom rapaz, amável e possuidor de uma permanente boa disposição. É de facto uma figura do nosso desporto que aparece muito justamente nesta galeria dos homens da bola.

Decerto lembram-se dos tempos aureos do *rugby* em que o Benfica apresentava um *team* de respeito. Pois lá estava Angelino Fontes. Durante 12 anos alinhou no grupo. Depois, já lá vão 15 anos, passou a ser o maçagista do Benfica.

— Por esse tempo, Dionizlo Hipólito — conta-nos Angelino Fontes — dirigiu um curso de maçagistas no Benfica. Interessei-me pelo assunto e conquistei o lugar de seu ajudante. Aprendi imenso. Dionizlo Hipólito deu-me a sua amizade e um pouco do seu saber. Hoje, mesmo, depois de estar tantos anos sem a sua companhia, recordo-o sempre com admiração.

— Mas não é só do Benfica pelo facto do cargo que desempenha?  
— De maneira nenhuma. Sou um benfiquense verdadeiro, orgulhando-me do meu número de sócio, o 162.

No entanto, lidei com elementos que se fixaram noutros clubes, quando eramos todos rapazes. Mas a minha preferência era toda para o Benfica.

Nasci no bairro da Estefânia e por cá tenho andado há 43 anos. Aqui nasceu o Sporting. Sou do tempo em que se jogava futebol no Campo Pequeno, nesses tempos heróicos do futebol, mesmo antes de se ter fundado a Federação Socialista, no tempo em que no meio do campo do jogo havia um candeiro...

Fui sócio e jogador do Linhares e do Estefânia. Lá estive com o José Simões, o Jaime Cadete, o Jorge Lobato. Joguei no campo de aviação que existia no sítio onde está hoje o Hospital Júlio de Matos. Mas todas estas recordações vão dar ao Benfica. Este tem sido, de facto, o meu único clube — se bem que tenha amizades fortes em todos os clubes, principalmente no Sporting.

— No decorrer da sua actividade tem por certo reunido uma boa soma de recordações?

— Tantas... que lhe perco o conto. E é natural, eu, que há 15 anos acompanho os *teams* de futebol, sem uma única falta, de-



Angelino Fontes em actvlda ie





*Fernando, o guardião das redes «orientais» não conseguiu evitar o 4.º golo do Sporting*

SPORTING  
ou o brilho  
de um  
ATAQUE!



*Azevedo foi seguro na defesa. No entanto Barrosa reclama*



*Azevedo bloca com segurança e estilo*



*O guarda-redes do Oriental defendeu a sôco outra avançada leonina*



# Análise da temporada de 1946

## III — O meio-fundo

**P**ELA mais frequente acumulação de distâncias na actividade dos nossos corredores de meio-fundo, teremos de incluir neste capítulo as provas compreendidas entre os 800 e 1.500 metros.

Se considerarmos apenas o valor absoluto dos resultados da época, embora haja a registar a descida do recorde nacional dos 1.500 metros, a impressão geral não é muito lisonjeira e leva-nos mesmo a reconhecer que é esta a modalidade de corridas em que o nível geral está mais baixo; no entanto, em compensação contra-partida, é elevado o número de novos praticantes que demonstraram reais aptidões e nos autorizam a afirmar que os progressos em breve se accentuarão de maneira satisfatória.

O problema tem a solução favorável dependente do regime de treinos que for imposto aos praticantes do meio-fundo e lhes faça adquirir uma noção do andamento diferente daquela que até agora, mesmo os melhores, adoptaram.

Desde os 800 aos 1.500 metros, a velocidade é um predicado indispensável de alcançar; mas não a velocidade apenas para fazer valer nos dozentos ou trezentos metros finais uma arrancada avassaladora, sim outra velocidade prolongada que permita ao corredor começar depressa, manter esse andamento e acabar mais rápido ainda.

Sob este aspecto, a prova de 1.500 metros, em Barcelona, deve ter aberto os olhos aos nossos ases.

As marcas portuguesas resentem-se do desequilíbrio de classe entre o melhor especialista do meio-fundo e os restantes competidores; Francisco Bastos nunca correu para o tempo, limitando o seu esforço ao necessário para ganhar.

Esperemos que, para o ano, a ascensão dos novos elementos o obrigue a maior empenho na luta e voltaremos a conquistar os recordes ibéricos que na presente temporada nos foram arrebatados.

Vejamcs, agora, os melhores resultados da temporada nas corridas de meio-fundo:

**800 metros:** Francisco Bastos (Sporting) 1 m. 59,4 s. (28-VII); 2 m. 18,5 s. (13-VII); 2 m. 2,2 s. (7-VII). João Jacinto Silva (Sporting) 2 m. 1,8 s. (28-VII); 2 m. 3 s. (7 e 13-VII); 2 m. 4,2 s. (11-VII).

Hamberto Bastos (Sporting) 2 m. 2,3 s. (13-VII); 2 m. 3,1 s. (24-VII); 2 m. 5,4 s. (16-VI); 2 m. 4,5 s. (7-VI).

José Vicente (Sporting) 2 m. 5 s. (13-VII).

Adriano Gomes (Benfica) 2 m. 5,1 s. (7-VII); 2 m. 6,8 s. (13-VII); Nicolau Godinho (Belenenses) 2 m. 5,5 s. (7-VII).

**1.000 metros:** Aureliano Mota (Caf) 2 m. 4,56 s. (16-VI); 2 m. 44,8 s. (10-IX).

Adriano Gomes (Benfica) 2 m. 44,1 s. (1-IX); 2 m. 44,2 s. (16-VI); 2 m. 45,8 s. (15-IX).

Joaquim Branco (Belenenses) 2 m. 44,8 s. (16-VI).

Nicolau Godinho (Belenenses) 2 m. 45,2 s. (16-VI).

Joaquim Campos (Sporting) 2,47,8 s. (16-VI); 2 m. 48,4 s. (12-V).

A pontuação equivalente a estes resultados é nitidamente inferior à das outras distâncias, mas devemos ponderar que todos eles foram alcançados por atletas da categoria júnior.

**1.500 metros:** Francisco Bastos (Sporting) 4 m. 9,2 s., novo recorde nacional (27-VII); 4 m. 17,3 s. (30-VI).

Hamberto Bastos (Sporting) 4 m. 12,4 s. (27-VII); 4 m. 17,7 s. (30-VI).

Adriano Gomes (Benfica) 4 m. 21,4 s. (30-VI).

António Freitas (Benfica) 4 m. 27,3 s. (14-VII).

Manuel Nogueira (Sporting) 4 m. 30 s. (14-VII).

Francisco Bastos, campeão incontestado na categoria e atleta de grande classe, teve uma época irregular por causa de uma lesão muscular na pior altura da

época e que lhe custou a sequência da cuidadosa preparação que vinha seguindo. Perdeu a confiança nas suas possibilidades e defendeu-se nas provas que disputou depois, aumentando ainda mais a sua habitual economia de esforço para ganhar, empregando unicamente a sua forte ponta final, assim aplicável no máximo da eficiência.

Pode e deve conseguir marcas muito superiores; um atleta da sua classe obriga-se a maiores ambições do que as de simples vitórias nacionais. A lição de Barcelona foi com certeza proveitosa e aproveitada; cremos firmemente na sua deslorta para o ano próximo.

Hamberto Bastos, cuja temporada foi coroadada, como merecia, pela conquista do recorde da milha, deu prova de tais progressos que ascendeu à internacionalização e se creditou como o mais directo futuro rival do campeão. Enérgico, activo, com excelente passada, é competente para baixar além dos limites dos actuais recordes do quilómetro e do quilómetro e meio.

João Jacinto Silva, o «segundo» dos 800 metros, apesar de haver conseguido o seu melhor tempo, ainda não atingiu o máximo do

que pode; falta-lhe andamento na segunda parte da prova, não por deficiente velocidade, mas por carência de fôlego para manter o esforço prolongado. Sem preparação especial fez excelentes provas em estafetas de 400 e 200 metros.

Em quarto lugar nos 800 metros aparece-nos o nome de José Vicente, cuja época foi perdida por impossibilidade na preparação, mas que merece ser classificado entre os melhores portugueses — talvez o segundo — nos 400 e 800 metros. Bastante falta nos fez em Barcelona; o atletismo nacional necessita para o ano da sua colaboração em forma correspondente à sua classe.

Sem que fiquem na lista, têm direito a ser incluídos entre os especialistas dos 800 metros com que contar para o futuro, Domingos Canhão, Carlos Castelo Branco, Pena da Silva e o citado Nicolau Godinho, a quem já nos referimos na passada crónica. Adriano Gomes foi o melhor benfiquista na especialidade; progrediu bastante, para o que deve ter contribuído a sua actividade durante o Inverno em provas de corta-mato, mas sofreu depois do efeito dessa mesma actividade em fadiga no final da temporada. Acaba muito mal as corridas: passo pesado, rasteiro, muito em força e nada em descontração.

Para concluir o enumeado, registemos a habilidade de Aureliano Mota, cuja forma se mostrou muito irregular, e admiremos o entusiasmo e persistência do veterano Manuel Nogueira, cujo nome aparece ainda no rol dos melhores como um certificado de desportivismo e brio.

Salazar Carreira

## NATAÇÃO

# NA FESTA ANUAL do Sport Algés e Dafundo

bateram-se três recordes nacionais

### O III Campeonato nacional corporativo

que fixou em 8 m. 7,1 s. o novo máximo dos 4x100 metros-livres, senhoras principiantes.

Digna de nota, pela homogeneidade revelada, a turma que, constituída por Eduino Cordeiro (1 m. 29 s.), Cerveira de Melo (1 m. 33,8 s.) e Jaime Moniz (1 m. 13,5 s.) baixou para 4 m. 16,3 s. o novo recorde da estafeta de 3x100 metros-estilos, iniciados.

Pela terceira vez, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho organizou o seu campeonato de natação, a que deram o seu concurso nadadores de Lisboa, Porto e Coimbra, em representação de dezasseis organismos.

Como é natural, os lisboetas marcaram superioridade, chamando a si a maioria dos títulos, tendo salientado-se, individualmente, aquelas figuras com larga prática da nataçào, nomes que

vemos com frequência nas provas clubistas, e de entre os quais salientaremos Rodrigo Besson e Basto Júnior, Fernando Sacadura e José Cabral Júnior — os componentes da forte equipa da casa H. Vautier, organismo que, tal como nos anos anteriores, voltou a brilhar.

Dos representantes da província, merece citação especial o conimbricense Abílio de Almeida, bom vencedor dos 100 metros-brasos (2.<sup>a</sup> categoria), em 1 m. 40,7 s., e, sem dúvida, a figura mais representativa da delegação da cidade do Mondego, este ano entregue aos cuidados de Luis Lopes da Conceição.

Visto no seu conjunto, o III Campeonato de F. N. A. T. deixou impressão agradável, a demonstrar, mais uma vez, os cuidados postos por aquele organismo na preparação física do trabalhador português.

Abreu Torres



QUANDO foi criada a Direcção Geral dos Desportos reconheceu-se unanimemente que a moralização e disciplina do meio era uma das mais urgentes e importantes missões que lhe competiam.

A acção do novo organismo, aplicada com energia e justiça por todas as formas julgadas necessárias, deu imediatos resultados; progressivamente diminuiu a necessidade de punir porque se foi desenvolvendo nos praticantes, nos dirigentes, nos orientadores a compreensão da disciplina voluntária e do respeito pela lei.

Muito naturalmente, com o tempo se foi atenuando, também, na directa proporção da moralização dos costumes, o rigor disciplinar. Desde que cada um, dentro das suas atribuições, compreendia direitos e deveres, a norma de punir pôde perder parte da sua rigidez, passando a ser mais compreensiva.

Combateram-se assim indirectamente os sintomas, apenas nocivos para o interesse geral, dos desequilíbrios de política desportiva pessoal ou de facção, integrando-

-se a acção de toda a gente dentro de preceitos dirigidos para o benefício, progresso e prestígio do desporto português, com o respeito devido à autoridade das hierarquias estabelecidas.

O tempo, porém, rolou e a memória dos homens é fraca; timidamente embora, ressurgem os antigos vícios, reaparecem sinais característicos da mesma política surda e destrutiva. Lembra-nos a fábula das rãs que pediram um rei...

## Indispensável e urgente

**A** FIRMAR que os organismos dirigentes da quase totalidade dos desportos vivem, em Portugal, em regime de difícil equilíbrio orçamental, impedido da menor iniciativa,

não surpreenderá ninguém que conheça — mesmo superficialmente — o nosso movimento desportivo.

Os exemplos são frequentes, sobre tanto aqueles que demonstram quanto é prejudicada a expansão internacional do desporto português pela falta de recursos próprios, ou de fonte onde ir procurá-los. O mais recente é o da Federação Portuguesa de Andebol, que se encontra a braços com um problema financeiro insolucionável porque ousou o empobrecimento, que só merece louvor, de trazer ao nosso país a equipa campeã da Suíça.

Este, e os casos semelhantes, devem ser favoravelmente apreciados pelas entidades superiores do Estado, que tanto interesse têm mostrado, noutros aspectos, pelo progresso e expansão das práticas desportivas.

Afigura-se assim à opinião pública indispensável e urgente a promulgação de qualquer me-

dida que assegure à Direcção Geral de Educação Física e Desportos os fundos suficientes para amparar os organismos dirigentes e permitir-lhes uma actividade desejável no campo internacional, a garantia de preparação cuidada das selecções representativas e o auxílio às colectividades empenhadas em construir instalações condignas.

Ninguém oferece dúvidas que seja a Direcção Geral de Desportos a entidade competente para desempenhar essas funções de amparo e estímulo, que aliás lhe são conferidos no decreto que a criou; e preciso porém, e sem tardança, proporcionar-lhe os meios materiais para tais funções, pois sem eles não podemos aspirar a sair das competições triviais ou correremos sempre o risco de fracassos ou resultados inferiores ao melhor das nossas possibilidades, porque o dinheiro não chega ou tem de ser medido em conta-gotas.

## NO COLISEU DOS RECREIOS

# Guilherme Martins empatou com Beni Levi

### depois de um excelente combate em 10 assaltos

**O** ídolo popular e antigo campeão nacional dos «meio-médios», Beni Levi, tangenciou os domínios da derrota durante o seu combate com Guilherme Martins, celebrado na madrugada de quinta-feira.

O Coliseu dos Recreios foi peço para conter tanta gente, cuja expectativa, longe de ser defraudada, obteve a satisfação que pretendia. De facto, jamais um pugilista português fizera tanto e tão bem em face de Levi. O próprio Larsen só conseguia arrancar a vitória por merecê da quebra de resistência do adversário no último assalto da batalha.

Martins, ao contrário, sucumbia à fadiga e cedeu ligeiramente no termo da pugna, deixando fugir um triunfo quase certo.

O combate, depois das formalidades habituais, principiou por um breve estado. Levi, ágil, aguardou as primeiras investidas do adversário e nessa tática se manteve até ao 4.º assalto. Guilherme, visando o estômago, iniciou a ofensiva com audácia e valentia que não eram de prever.

Quase no fim do 1.º período acusou um soco da direita ao maxilar — como acusaria outros, pelo combate adiante... — mes voltou à batalha com grande decisão. Sempre bem coberto,

forçou o andamento constantemente e sacudia repetidas vezes a cabeça do adversário com *hooks* e directos. As raras e desunidas tentativas de Levi ou foram bloqueadas e detidas ou esquivadas a tempo.

O moçambicano não confia já no seu fôlego e energia. Reservava-se nos assaltos iniciais e emprega-se a fundo nos últimos, que são aqueles cuja fisionomia maior impressão deixa no espírito e memória dos profanos.

Procurava, quase sempre, uma oportunidade de conelair o desolho a seu favor com um golpe violento, mas não só perdeu muitas oportunidades de o fazer, como nunca se mostrou capaz de as fabricar por meio de fintas ou esquivas, como se tornava necessário e lógico.

No 4.º assalto, o moçambicano modificou o processo de agir. Passou a lutar abertamente, mas foi dominado sem a menor sombra de dúvida e tanto neste período como no 5.º, 6.º e 7.º assaltos o moçambicano andou com água no porão e em perigo de socorrer.

Se Martins dispusesse de forte poder de golpe, teríamos assistido à sua vitória final, pois Levi jamais se haveria recomposto como o fez.

Mas o antigo campeão é brioso e valente. Embora inferior, reagiu no oitavo assalto e conquis-

to vantagem, apesar do sangue que lhe saía de uma ferida no sobrolho esquerdo, e sacudia, por seu turno, o adversário. Repetiu a façanha no 9.º round e equilibrou as acções no último período da batalha, fugindo à derrota.

A decisão, conferida por um júri, preferia um empate, ajustando-se realmente às circunstâncias.

Considerando o número e a importância dos toques dados e recebidos, a vantagem de Martins não podia ser negada. Mas, em boxe, há outros factores a considerar e esses proporcionaram o justo equilíbrio das acções dos dois pugilistas.

Dirigia o encontro o sr. Machado Júnior, que se houve com acerto.

Antes deste *match*, o mais digno de nota travou-se entre Valente Rocha e António Silva. Terminou pela desqualificação de Rocha, por cabeçada voluntária em Silva, quando se sentiu incapaz de prosseguir a luta por carência de fôlego, ao 7.º assalto.

Rocha tem grande habilidade para boxar. Sob este aspecto, ocupa o lugar número um entre os escassos praticantes da actualidade, mas carece de um sólido sistema circulatório para o exercício da profissão.

(Continua na pág. 10)

## Números significativos

**D**O último número do boletim da Delegação Nacional de Desportos espanhola extraímos os seguintes números, bastante significativos quanto ao volume e expansão do futebol profissional no país vizinho.

Segundo uma lista apresentada é o seguinte o número de jogadores com contrato em vigor, repartidos pelas diversas federações regionais: Aragão, 18 divididos por dois clubes; Astúrias, 55 em onze clubes; Castela, 27 em 5 clubes, notando-se que apenas quatro homens haviam ainda firmado pelo Real Madrid; Catalunha, 116, em 22 clubes e dos quais 42 pertencentes ao Espanhol; Galiza, 11 em 4 clubes; Guipuscoa, 18 em quatro clubes; Marrocos, 10 em três clubes; Múrcia, 23 em três clubes; Sul, 95 em 16 clubes; Valência, 21 em quatro clubes; Viscaia, 6 em dois clubes e Canárias, 24 em seis clubes.

A esta soma há a acrescentar os jogadores sujeitos a transferência, que são 53, e sobretudo os que se encontravam relidos pelos clubes, isto é, em instância de renovação de contrato: Aragão 3, Astúrias 63, Baleares 19, Castela 47, Catalunha 183, Galiza 46, Guipuscoa 8, Marrocos 3, Múrcia 21, Navarra 7, Sul 85, Valência 37, Viscaia 43, Canárias 34.

Alinge-se assim uma totalidade de 1.077 jogadores, dos quais 299 pertencem à Catalunha e 180 à federação do Sul.

Também é curioso registar o elevado número de praticantes que entra a nova época com castigos a cumprir; nada menos de 263.





Jeremias Simão



Belmiro Santos



Carlos Azevedo  
Júlio



SILVA MARQUES  
Chefe da equipa



Carlos Mira



Artur Mendes Silva



Joaquim Baptista  
Pereira

# O IV PORTUGAL-ESPANHA nas CANARIAS.

O 4.º encontro entre nadadores portugueses e espanhóis disputa-se nas Canárias nos próximos dias 6-7.

É justo esperar dos nossos representantes o melhor do seu esforço e dedicação que, a par das suas qualidades de nadadores especialistas, devem honrar esta deslocação a Santa Cruz de Tenerife. Há que ter confiança, e os seleccionados merecem-na. Eles próprios, enquanto aguardarem que o sr. Ministro da Educação Nacional os recebesse para lhe apresentarem os seus cumprimentos de despedida, nos garantiram, que embora reconhecessem a insuficiência de tempo para efectuarem treinos de adaptação, todos seguem animados e conflantes na certeza de bem honrarem o nome do seu país.

— Podem levar a melhor, mas será com dificuldade. Mesmo assim, formamos uma equipa capaz de obter bons resultados. E com uma coisa podem desde já contar os nadadores espanhóis: a luta cerrada que todos lhes vamos dar. Cada prova há-de ser um caso sério.

Assim nos falou Silva Marques, figura curiosa da natação portuguesa. Apesar de «veterano» na equipa, Silva Marques, não destoava naquele conjunto de rapazes mais novos, até mesmo porque indiscutivelmente era o nadador indicado para a prova que vai disputar.

Esta equipa tem ainda um motivo de especial interesse: a internacionalização de Pereira Bastos, Carlos Azevedo Julio e o madeirense Vasco Abreu, se se conseguir a deslocação deste nadador. São tres homens que, pela primeira vez, vão representar a natação portuguesa no estrangeiro. Os dois primeiros com títulos regionais e nacionais e Vasco Abreu impoído-se por ser, além de campeão regional do Funchal, o mais veloz nadador da ilha da Madeira.

Mario Simas, o mais categorizado nadador português, campeão e recordista ibérico, acedeu a falar à «Stadium» — uma apreciação rápida do conjunto que segue para as Canárias.

Não prevejo os resultados que se alcançará neste IV Portugal Espanha. Até mesmo porque nos faltam elementos que nos falem claramente dos nossos adversários. No entanto, havemos de abandonar as Canárias com a consciência de bem termos cumprido a nossa missão.

O encontro foi marcado muito de repente e assim também foi a nossa preparação. Talvez não pudesse ser de outra maneira.

Mas a equipa é a melhor que poderíamos apresentar e terá comportamento à altura da responsabilidade que lhe é atribuída.

Há neste IV Portugal-Espanha, em referencia à equipa portuguesa, uma novidade: a de ser a primeira vez que é acompanhada por um médico — o dr. Manuel Martins — e de treinador e maçagista — Azinhaes dos Santos. Este pormenor tem o nosso inteiro agrado. Assim, a equipa segue a



MARIO SIMAS  
Campeão ibérico

coberto das tantas possíveis necessidades em que estes elementos serão utilísimos.

— Que pensa dos seus companheiros de equipa? Mario Simas disse-nos da sua relutância em fazer apreciações aos nadadores que com ele constituem o bloco que vai defender o nome do desporto nacional ao lado dos nossos mais aguerridos adversários. Mas disse-nos o seguinte:

— De Silva Marques, o chefe da nossa equipa, dir-lhe-ei que é um elemento que nos honra. O mais antigo nadador português em actividade vai conosco com o seu à vontade de sempre, pronto a defender-se desse seu titulo de «veterano».

Guilherme Patroni tem possibilidades de ficar segundo nos 100 metros livres e de fazer uma óptima prova nos 4x200. Temos depois Belmiro dos Santos, um dos pilares das provas de meio fundo. É legítimo esperar-se que possa oferecer-nos a surpresa de uma boa vitória. Jeremias Simão caracteriza-se por uma grande velocidade, tanto em provas curtas como em provas de meio fundo. Artur Mendes Silva pode fazer um bom lugar em bruços e melhor faria se a sua vida profissional lhe permitisse um pouco mais de liberdade para a natação. Carlos Azevedo Julio, estreante em provas internacionais, tem grandes probabilidades que o seu franco progresso muito auxiliam. Outro estreante, Pereira Bastos — conquistará com certeza um bom lugar nos 100 metros costas. E temos Baptista Pereira, que a despeito de quase nada ter feito esta época, tem qualidades suficientes para se impor e fazer mais uma boa «saída». Um outro estreante, o funchalense Vasco Abreu, parece-me capaz de justificar amplamente a sua inclusão nesta equipa.

- De uma maneira geral prevê?...
- Que os espanhóis tem possibilidades de conquistar alguns primeiros lugares e que tem garantidas muitas segundas classificações.
- Quanto a si?
- Tenho pena que este IV Portugal-Espanha fosse resolvido assim repentinamente e me não desse mais tempo para um treino mais a preceito. Se assim tivesse acontecido teria adiado as tentativas de recordes que fiz em Espinho. Entretanto, darei tudo por tudo para conseguirei alguma coisa de útil para o meu país.

Terminaram assim as opiniões do nosso campeão ibérico. No seu gabinete do ministério, o sr. prf. Cairo da Mata recebia pouco depois os cumprimentos destes desportistas portugueses em quem depositamos a nossa confiança pela certeza na honrosa «presença» que vão fazer em terra espanhola.

F. S.



Guilherme Patroni



Pereira Bastos



Dr. Manuel Martins  
Médico da equipa



Alberto Azinhaes  
Treinador da equipa

As opiniões  
de  
MARIO SIMAS



# em MADRID Um MENINO matou um ELEFANTE

Madrid, 27—Na antiga Praça da Carretera de Aragon ainda havia boa percentagem de madrilenos entendidos. Nesta Monumental das Ventas a percentagem diminuiu, naturalmente. Mas os madrilenos, porque vêem muitas corridas, julgam entender de touros, e querem manifestar os seus conhecimentos. Assim protestam contra tudo e por tudo, contra os toureiros e por todos os touros, às vezes sem razão, e com prejuízo para o espectáculo. Recordamos uma corrida de «Manoletes», há anos, após a Feira de Salamanca, em que foi protestado um touro côxo e substituído por um «sobrero» gordo em que o de Cordova nada pode fazer porque era manso. Depois saiu outro touro dos da ganaderia que se lidava, que era de Salamanca, outros touros tão pequenos como os anteriores; mas depois de visto o gordo, os madrilenos protestaram e deram em terra com a corrida. Foi o que esteve para acontecer com a corrida de Alipio Perez que ontem vimos aqui. Foram pequenos os dois primeiros, o da alternativa do mexicano Estrada e o de António Bievenida que lhe deu em Madrid; mas o de Pepin Martin Vasquez foi protestado por pequeno, talvez porque havia «ganás» de ver o toureiro sevilhano. Para o substituir saiu outro, protestado por côxo. Retirar os dois touros demorou quase uma hora, porque visto, pela falta de hábito, os espanhóis são piores que os portugueses.

Saiu então um «sobrero» que há dois anos comia nos currais da Praça, gordo, grande, com a cabeça nas nuvens, e manso. Saiu solto das varas e, mal picado, e rapidamente bandarilhado, passou a mãos de «Pepin» após alguns «capotazos» de «Rubichi». E todos esperavam que «Pepin» despachasse de qualquer forma aquele touro que, além de manso e mal picado, era dum tamanho a que não estamos habituados há bons anos.

Grande foi, portanto, a surpresa quando «Pepin», na querença natural, o aguentou impávido numa série de valentes «muletazos» em que abundaram os naturais e os de peito, e os adornos dum «molinete» e dum farol. Juntou as patas o tremendo elefante, tão grande que o pequeno sevilhano parecia mais menino e tinha de se pôr em blocos de pés para lhe ver o «morrillo». E «Pepin», em curto e recto, deixando-se ver, enterrou toda a espada no alto, e o touro começou trocando as mãos, e foi cair a pouca distância.

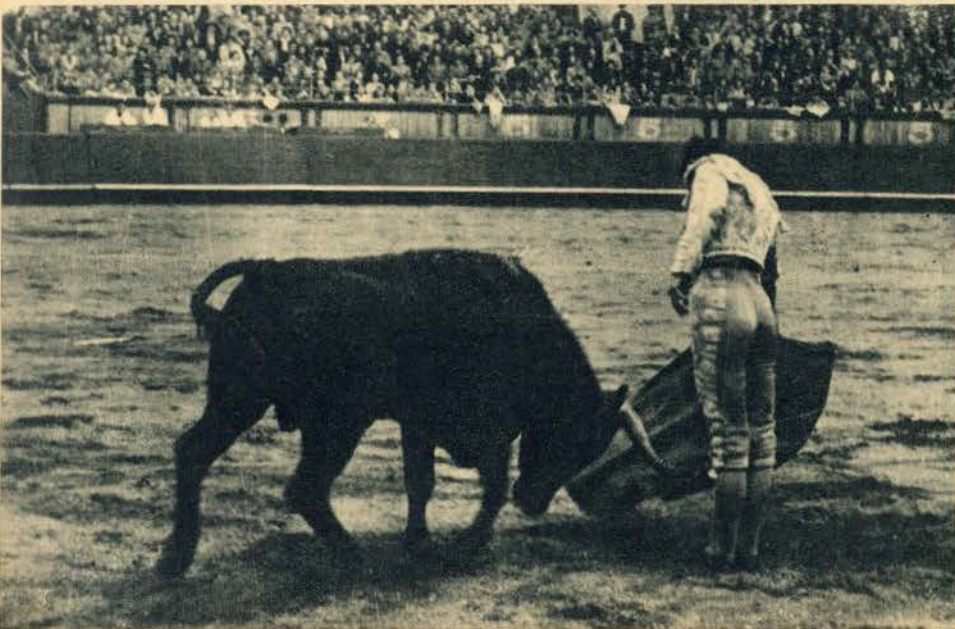
Se as ovações tinham feito fumo a cada «pase» daquela locomotiva, as que depois se ouviram foram de fogo. Toda a Praça foi um mar de lenços pedindo uma orelha, e outra, pois ambas lhe foram concedidas, e houve volta à arena e chamada, e o delírio. «Pepin», que em Valladolid voltará por seus créditos, firmou-nos em Madrid nesta corrida em que pouco mais houve, além de dois grandes pares do grande Magritas». Antes de «Manoletes», vimos triunfar em Madrid os sevilhanos Pepe Luis e Rafael Vega, além do madrilenho Luis Miguel, e despedimo-nos da capital de Espanha com o triunfo de «Pepin». Mas, repetimos, desorienta-nos ver touros em Madrid e preferimos a boa intuição dos sevilhanos, sobretudo fora de Feira, sem mistura de forasteiros. Os madrilenos presumem de entendidos e, afinal, são facéis de enganar. E recordamos o que aconteceu uma vez que para «El Gallo» saiu em Madrid um touro tão difícil que um íntimo seu teve a visão do que ia acontecer: tres avisos e Rafael entre guardas até ao cárcere. E lançou uma ideia que deu resultado, começando por dizer aos vizinhos do lado que o touro tinha de ser retirado porque era «burraco». Os vizinhos encarregaram-se de comunicar o caso ao sector e daí a pouco toda a Praça exigia que o touro fosse retirado porque era «burraco». Indagou a presidência os motivos dos protestos e ante a informação de que o touro era «burraco», mandou-o retirar.

Após a corrida alguém perguntou àquele andaluz amigo de «El Gallo» o que era um touro «burraco». E o salvador de Rafael respondeu, trocista, que no campo andaluz se chama «burraco» ao touro negro que tem manchas de pêlo branco, «Burraco» é o nome deformado de «urraca», a ave negra e branca a que chamamos péga. E por assim ser se livrou Rafael daquele touro perigoso que lhe saiu em Madrid.

EL TERRIBLE PEREZ



1 — Este é o menino que em Madrid matou um elefante, Pepin Martin Vasquez, um garoto com alma de homem, alma grande em corpo pequeno. 2.º — Assim toureou Pepin, em terrenos inverosímels, metendo-se dentro da fera que quasi o engancha num passe natural, e à qual depois matou duma soberana estocada, e da qual lhe foram concedidas as duas orelhas, seguidas de volta e chamada. 3 — Ao seu segundo, mais pequeno, mas manso também, toureou-o ainda com mais arte, correndo bem a mão nos ajudados com a direita, em redondo, e foi de novo aplaudido e chamado.





# Como se deve montar em provas de obstáculos

## O que nos disse o capitão Correia Barrento

Ainda sobre a matéria exposta acerca dos cavaleiros que interveem ou não em provas de obstáculos, o capitão Correia Barrento conclui:

1.º — A «intervenção» é sempre necessária, quando o cavalo for em más condições de equilíbrio, em relação ao obstáculo que tem de transpor; e não se deve utilizar, — por prejudicial — quando for bem equilibrado.

2.º — O cavalo deve ter o ensino necessário e suficiente para responder com suavidade às ajudas do cavaleiro, — «intervencões» — de modo a dar a impressão ao espectador de que o cavaleiro nada faz.

«Apontamos, seguidamente, alguns factos que tivemos ocasião de observar e que vêm a propósito.

«Tivemos oportunidade de admirar o extraordinário cavaleiro italiano, tenente-coronel Brozzerelli, na sua magnífica égua «Crispa», que tanta fama alcançaram no hipismo internacional.

«Brozzerelli, que era de alta estatura, montando na «Crispa», um animal muito pequeno, formavam o conjunto mais harmónico que temos visto — e já vimos alguma coisa — dando a impressão, ao vê-los executar um percurso, que nada havia de mais fácil, pois o cavaleiro nada fazia...

«Observados, porém, com cuidado e atenção, notavam-se: o comando discreto do cavaleiro, principalmente diverso na maneira de abordar os vários obstáculos, conforme eles eram simples ou dobrados, verticais ou largos, etc.; e o apurado estado de ensino da égua, admirável na modificação do seu equilíbrio, muitas vezes só pela acção do peso do corpo do cavaleiro!

«isto deve constituir o objectivo ideal do cavaleiro de obstáculos, para cujo desiderato deve enviar todos os seus esforços e cuidados.

«No concurso de Barcelona, do ano passado, apareceu um «enterrado» com uma vara no fundo e com entrada de um dos lados, 1,30 m. acima do terreno natural; esta entrada apresentava-se como uma «banqueta» e os cavaleiros lançavam-se para ela como tal, tanto mais que iam de Madrid, onde elas, por serem grandes, só podiam ser passadas saltando para cima de pés e mãos.

«Como o terreno descia com bastante inclinação e a entrada era baixa, os cavaleiros, por iniciativa própria, abordavam-na, como dissemos, como se fosse uma «banqueta», e iam cair em cima da vara

do fundo da rampa, não a podendo limpar de maneira nenhuma.

«Ora, o cavaleiro é que sabia o que lá estava e, comandando o seu cavalo, — «intervindo», — deveria obrigá-lo a saltar para a rampa, colocando-o, assim, em boas condições para limpar a vara, mas, como nem sempre assim se fez, esta vara deu grandes desgostos...

«No concurso do Porto, este ano, apareceu um «muro em crista», bastante difícil, não só pela inclinação como pela pouca extensão das rampas; entrando-se nele devagar, — no que se era auxiliado pelo recelo de alguns cavaleiros — não se conseguiu limpar o obstáculo de «crista» (uns caixotes), e entrando-se de largo, — tendência mais natural, — o cavalo caía em cima da vara de solido.

«Assim, só o cavaleiro poderia indicar ao cavalo os melhores condições de o abordar, entregando-se-lhe depois, confiante nos seus recursos.

«Um cavalo pode ir comandado, sendo conduzido solto (mas não abandonado) — o que é uma condução ideal — ou ir com «contacto» mais ou menos forte, condução mais vulgar, ou por má conformação, mau ensino ou ensino incompleto. Isto, no que respeita à condução, pois, no salto, mais uma vez repellidos: o cavalo deve dispor de todos os seus recursos e o cavaleiro, em caso de dificuldade, deve entregar-se-lhe absolutamente.

«Não se confunda «intervenção» no seu verdadeiro e apropriado significado, com o defeituoso sistema de «esticões» ou «campainhadas», acções de mão sobre a boca, tendentes a reconduzir o cavalo, que frequentemente se desequilibra.

«Esse sistema é uma prática tendente a suprir um defeituoso ou incompleto ensino, sempre condenável, só sendo desculpável em situações isoladas, de emergência, como recurso único para manter ou salvar uma posição, como, por exemplo, quando de tal pode depender a sorte duma equipa, situação em que é aconselhável uma tal acção, por preferível a seguir, encantado, pelo obstáculo dentro.

«O sistema de «esticões» ou «campainhadas», acção sempre exhibitionista, comporta a imposição dos desejos do cavaleiro, pela força e sem consciência do cavalo, e, assim, não pode ter defensores, a não ser em casos extremos, como dissemos, constituindo grosseiro defeito que menospreza. Porém, «intervencões» é, tecnicamente, a transmissão científica, hábil, discreta e

consistente dos desejos do cavaleiro ao seu cavalo.

«Só a errada compreensão da definição de «intervencionista» pode ferir-lhe adversários, por isso, penso, as discussões que a tal respeito se travam têm a sua única explicação na confusão que lamentavelmente estabelecem entre estas duas coisas, que são, em verdade, diametralmente opostas.

### Qual a melhor embocadura para o cavalo de obstáculos?

«E, agora, resta-nos responder à sua terceira pergunta, embora ela esteja inteiramente ligada à anterior.

«Designem-se por «embocadura» os ferros que o cavalo traz na boca, para ser dirigido pelo seu cavaleiro, e que podem ser, de uma maneira geral: o «bridão», o «freno» ou os dois conjuntamente, e todos os seus derivados.

— De que depende a embocadura a usar num cavalo?

— Da conformação, habilidade, ercência e estado de ensino da montado, e do sentimento e temperamento do seu cavaleiro: deve ser usada aquela que, molestando o cavalo o menos possível, lhe consiga transmitir facilmente a vontade de quem o monta.

«O «bridão» é a embocadura das melhores nuances, pois se, por um lado é preferida pelos mais hábeis, por ser a mais suave, a mais delicada, a mais fina e a que requer o mais adiantado estado de ensino, é por eles também posta de parte, quando os cavaleiros, por má conformação ou atrasado ensino, a ela não obedecem; e, ainda, por outro lado, deve ser a adoptada pelos cavaleiros menos hábeis, pois é aquela que mais perdoo os seus erros, por ser a que me-

nos molesta a boca dos cavalos.

«Vêem-se muitos cavalos em «bridão», mas os bem postos nesta embocadura são em número diminuto.

«Um freio violento, maneado por um cavaleiro hábil, é menos prejudicial que um doce bridão numas mãos inébeis.

«Se muitas vezes acontece ver-se um cavalo encolhido por usar uma embocadura imprópria ou mal maneada, nem sempre é essa a justificação, pois o cavalo não estende o pescoço pela embocadura que usa, mas sim pela sua conformação natural, (factor principal), ginástica a que tenha sido submetido e ensino recebido.

«O mesmo cavaleiro não monta todos os seus cavalos com a mesma embocadura; escolhe para cada um deles a que lhe é apropriada, aquela com que tira o maior rendimento, podendo, até, variá-la no mesmo cavalo.

«Lembra-nos bem ter ouvido contar o que várias vezes se passou, em concursos hípicas, com o grande mestre Jara de Carvalho, no seu célebre cavalo «Jau».

«Este cavalo, pertencendo a um grande mestre, estava lindamente posto em bridão, e quase sempre assim corria; algumas vezes, porém, no decorrer de uma prova, pela dificuldade do percurso, pelo cuidado que exigia, pelas voltas difíceis em que era preciso ganhar tempo, pela responsabilidade que lhe cabia ou por quaisquer outras razões, que o seu grande sentimento nos não permite adivinhar, dizia ele ao impedido: «O Zé, põe-lhe o freio».

«A má embocadura faz-se sentir no salto, como consequência da sua acção prejudicial em todo o trabalho.

«O cavalo salta, quando montado, na mesma altitude que o faria em liberdade, desde que o cavaleiro o não prejudique.

«Se o cavalo, em liberdade, salta encolhido, devemos procurar melhorar-lhe a altitude pela ginástica, mas é erro crasso o convencimento de que ele passa a saltar estendido, pela mudança da embocadura. É natural que, com o trabalho apropriado, ele vá melhorando e é admissível a esperança — esta só desaparece com a morte, — de que esse progresso se acentue e possa vir a saltar correctamente — quando mais não seja, na altura em que os celos lhe doam» — ...

Eis o que nos disse o capitão Correia Barrento, esclarecendo o tema técnico que vem dando motivo a controvérsias.

Antas Teixeira

## BOXE no Coliseu

(Continuação da página 7)

Silva jogou mais ajeitadamente do que costuma e dominou pela força superior dos seus socos ao tronco, duplicados à cara nos últimos assaltos.

Acertado trabalho e decisão de José de Araújo.

Em abertura do espectáculo, Peirão e Craz Passos bateram-se com a foga e valentia habituais, exibindo a não menos habitual pobreza de recursos técnicos.

A vitória de Passos foi protes-

tada ruidosamente, mas com pouca justiça; nem o caso era para tanto...

Em meio-lendo, bateram-se Mateus e Domingos Figueiredo. Combate franco e monótono, que só aqueceu nos últimos períodos da luta. A mais larga experiência, vigor e mobilidade de Mateus bastaram para conseguir uma vitória por pontos, justa e indiscutível.

Em resumo, um espectáculo cujo combate principal valeu a pena da deslocação.

Rafael Barradas

Stadium



**A** PESAR do incontestável êxito que a «Volta a Portugal» em bicicleta alcançou, não é muito animador o panorama do ciclismo nacional.

Sem as duas corridas já disputadas no Norte e a prova, especialíssima, da «Rampa do Vale de Santo António», a actividade dos corredores independentes teria sido nula durante o período de um mês imediatamente ulterior à grande competição que foi a «Volta».

E, convém esclarecer, qualquer dessas organizações estava de há muito prevista. Ainda não se pensava na «Volta»...

Anos atrás, a seguir ao «Tour», realizavam-se várias provas, todas elas inspiradas na maior prova portuguesa. Os «circuitos» sucediam-se, num ritmo intenso. Toda a gente procurava aproveitar o ambiente de entusiasmo originado pela «Volta». O ciclismo conhecia, então, a maior auge, só comparável ao interesse extraordinário que a corrida à volta do país provocava durante a sua disputa.

### A falta de corridas

Este ano não sucedeu assim. Porquê? É difícil responder, tantas são, em nosso entender, as causas da «decadência» do ciclismo. Não temos dúvida em empregar a palavra — decadência. Os factos aí estão a dizer-nos que, pelo menos imediatamente, não se colheram frutos apreciáveis da realização da «Volta a Portugal».

Os encargos de organização são hoje, é certo, volumosos: prémios, que devem «ver-se»; licenças; deslocação dos corredores e acompanhantes; apoio...

Mas a principal razão é, quanto a nós, esta: falta o Benfica!

Dizia-nos, há dias, um antigo dirigente do Sporting: — Se o Benfica não voltar ao ciclismo, o ciclismo morre!

Durante algum tempo procurámos combater esta teoria. Os acontecimentos ultrapassaram o nosso desejo. Hoje compreendemos que é assim mesmo.

### O ciclismo no estrangeiro

Imagine-se a «Volta» de 1946 ganha por um ciclista do Benfical... Seria — o fim do Mundo...

Nos países da Europa onde há uma grande indústria de bicicletas, o «fundos» clubista não importa. A luta entre as grandes casas, alimentada por uma publicidade cara, a que a própria «Volta à França» não era estranha, cria no público o ambiente necessário para o desenvolvimento do desporto do pedal. Por outro lado, as provas sucedem-se porque a capacidade de organização é larga. Existem pistas e o ciclismo em

# O PANORAMA ACTUAL DO CICLISMO PORTUGUÊS

## Do êxito da «Volta a Portugal» à falta de corridas e de pistas...

... sem esquecer o que se faz no estrangeiro

Um artigo de MANUEL MOTA

pista é um belo agente de propaganda.

As fábricas de bicicletas, para lançarem os seus produtos, subvencionam a realização das provas, mantêm fortes equipas, deslocam-se para toda a parte. De antemão sabem que não têm prejuízos. O mercado é vasto — e a propaganda é a «alma» do negócio...

### Uma excepção à regra

Em Portugal a indústria de bicicletas está ainda pouco desenvolvida. E se exceptuarmos o caso da Iluminante (que, aliás, não corresponde ainda ao que pensamos), digam-nos: — quais são as outras casas de bicicletas que gastam com o ciclismo alguma coisa que se veja? As vezes dão umas centenas de escudos para uma organização — e disse...

De modo que não havendo — e é difícil que venha a haver — competição entre marcas, servidas por nomes de cartel, o ciclismo português tem de viver principalmente da rivalidade dos clubes e um pouco da emulação regional — se ela se der entre o Porto e Lisboa. Como agora — com Fernando Moreira...

Ora a luta clubista, no nosso país, é especialmente a luta Benfica-Sporting. De aqui não podemos fugir. Não há que fugir.

### A falta de pistas

Os organismos oficiais não podem suprir a falta dos organizadores particulares. A Federação atravessa uma crise grave. A receita é magra. Os encargos tiveram de ser reduzidos. O telefone, nas circunstâncias actuais, era um luxo que a F. P. C. não podia permitir-se... Eis ao que se chegou!

Nas associações o panorama é idêntico.

A falta de pistas é um dos piores males do nosso ciclismo. Se houvesse pistas haveria reuniões, os organismos directivos receberiam as suas percentagens e poderiam trabalhar. Mas — onde estão as pistas?

Veja-se o que se passa pelo resto da Europa. Na época de Verão, provas de estradas alternando com as de pista; vem aí o Inverno — e os velódromos cobertos vão entrar em franca actividade. Todos beneficiam. Em Portugal o ciclismo de competição pára — até Março.

### A actividade na Europa

Até na vizinha Espanha, onde o ciclismo está longe do incremento e das possibilidades da França, da Bélgica, da Suíça, da Holanda, o ambiente é magnífico. Os ciclistas são profissionais e as casas de bicicletas subvencionam-nos e subvencionam as organizações. Há luta, interesse e vinte e cinco mil pessoas assistem às reuniões no Estádio Metropolitano, com corredores belgas e organizados de nomeada!

Terminada a guerra, o ciclismo foi dos primeiros desportos a recompor-se. Mesmo nos países devastados pelo trágico conflito não tardaram as grandes provas. Disputaram-se os campeonatos do Mundo: o Velódromo Vigorelli, de Milão, e outros velódromos, foram reconstruídos; realizaram-se as «Volta» à Suíça e à Itália, etc. E só não houve a «Volta à França» porque as «feridas» que a França sofreu não estão ainda completamente fechadas...

### Três corridas — para amostra...

Compare-se com o que se passa em Portugal. Observe-se a diferença. E, com toda a franqueza, reconheçamos o nosso atraso...

Os independentes tiveram, depois da «Volta», duas boas corridas, ambas, ainda para mais, no mesmo dia. Foram os «circuitos» da Mealhada e das Aves. E mais a «Rampa» — prova de valor relativo, essencialmente de propaganda, simpática por isso mesmo.

Sem irmos mais longe, anote-mos que, sucessivamente, se disputaram, em Espanha, a «Volta da Catalunha», a «Volta à Castela e Leão» e a «Volta à Galiza».

Faz pena a nossa inércia. E, no entanto, temos gente capaz de brilhar — mesmo em contacto com os estrangeiros.

Repetimos: faltam provas. E' preciso fazer ressurgir o ciclismo. E já que a pequenez da nossa indústria não consente a luta de marcas, alimentada por uma publicidade intensa, trabalhe-se para trazer o Benfica.

### Os «Circuitos» da Mealhada e das Aves

Digamos alguma coisa sobre as duas corridas de independentes disputadas no Norte.

Na Mealhada registou-se boa vitória de João Rebelo, que alcançou cerca de 5 m. de avanço. O Sporting venceu por equipas, já com o concurso de João Lourenço

— cujo reaparecimento sublinhamos com agrado. A Iluminante, desdobrando-se por duas corridas, não apresentou aqui equipa capaz de oferecer luta aos «leões», que só tiveram adversário no Sangalhos, este ligado à organização. O F. C. do Porto não compareceu também.

Portuenses, sem Fernando Moreira — que nos dizem não correr mais até final da época — e os mais fortes «iluminantes» defrontaram-se no «circuitos das Aves». Onofre Tavares bateu José Martins. Não surpreendeu. O jovem «sportista» é mais rápido que o glorioso vencedor da «Volta» — mas não é melhor: que este. Tivemos todos o sentido das realidades e das proporções...

### Um corredor e a sua «sombra»

A actividade dos amadores tem sido ainda menor. O que, de resto, não causa espanto...

Além das provas de domingo passado, tiveram eles o «Circuito de Moscaviden», onde Serafim Paulo derrotou Maximiano Rola.

O vencedor da «Volta» e a sua «sombra» chegaram ao final juntos — e isolados. No último «sprint» é que se decidiu a questão — relativamente a esta corrida. Porque o jovem Rola não se esqueceu ainda de que só 17 s. o separaram de Serafim na grande corrida do «Diário de Notícias» e do «Mundo Desportivo».

### A «Volta à Galiza»

Uma equipa da Iluminante foi disputar a «Volta à Galiza», tendo saído do país em circunstâncias inéditas e estranhas no que diz respeito à autorização. Foi implantado em Portugal o regime das «cauções», incompreensível em qualquer desporto e mais incompreensível ainda — em ciclismo...

Os factos, infelizmente, vieram pôr a claro a inanidade da exigência feita àquele clube. Uma queda, sem consequências de maior, inibiu que José Martins continuasse na «Volta». A crítica espanhola, revelando que ele estava a lutar bem, deixa antever que o vencedor da «Volta a Portugal» se classificaria nos primeiros lugares.

Se no futebol há a «lei das lesões», no ciclismo há a «lei dos acidentes». Com uma diferença: no ciclismo as consequências são imediatas, irreparáveis e mais graves. Desconhecer isto é viver alheio ao ciclismo, razão mais do que nenhuma forte para não se adoptar um regime que coisa alguma justifica.

### Condições de assinatura

Custo por número...	2\$00
3 meses, Esc. ...	26\$00
6 » » ...	52\$00
12 » » ...	104\$00

Stadium



# BELINENSES PASSA À TANGENTE



Eduardo Santos ainda se lançou, mas a bola levava boa direcção...



Eloi chegou até junto do guardião cufista, mas sem resultado



Capela, no momento próprio, travou o lance

## a "Merenda dos Campeões"



A «merenda dos campeões» foi o pretexto para que o Belenenses prestasse homenagem aos seus atletas e jogadores que na época passada conquistaram títulos de campeão de Lisboa e de Portugal.

Centenas de medalhas foram distribuídas pelos atletas «azuis» entre calorosos aplausos dos adeptos e os sorrisos de satisfação dos «rs. Comandante Reis Gonçalves, que presidiu à distribuição, dr. Constatino Fernandes, Miguel Buttuller, Acácio Reis e Palva e Silva.

Nas fotos: os campeões de futebol e tres das gentis atletas belenenses recebendo as suas medalhas.



# a subida da RAMPA do VALE de ST.º ANTONIO

A subida da «Rampa do Vale de Santo António» é uma prova ciclística que desperta sempre grande curiosidade e constitui um êxito de organização para o simpático Mirantense F. C.

No passado domingo mais uma vez a prova se efectuou com a comparecência de 36 ciclistas e muito povo que seguiu interessado a «dura» subida.

Os nossos clichês documentam os principais factos da prova.

- 1 — João Rebelo em plena subida da «Rampa».
- 2 — João Rebelo e João Lourenço que conquistaram para o Sporting a vitória por equipas na categoria «Independentes».
- 3 — António Baptista e Fernando Simões, do Sangalhos, deram a vitória ao seu clube em «Iniciados».
- 4 — Seraffim Paulo — o da «Volta a Portugal» — venceu em «Amadores».



2



4



3



1

## O IV Portugal-Espanha em NATAÇÃO



2



1 — Os nadadores portugueses seleccionados para disputarem o IV Portugal-Espanha foram cumprimentar o sr. Ministro da Educação Nacional na véspera da sua partida para o país vizinho. 2 — Os nadadores no setoporto da Portela de Sacavem momentos antes de seguirem viagem



## BOX

O combate Beni Levi-Guilherme Martins constituiu um bom encontro. No nosso clichê, em baixo, fixamos um sóco de Levi. Em cima, os dois «boxeuts»





## O FLUVIAL

FESTEJOU agora 70 anos o Clube Fluvial Portuense, a mais velha colectividade desportiva da cidade capital do Norte. Fundado numa época em que o desporto não tinha ainda larga projecção na alma das multidões, conseguiu o antigo «Real Clube» de D. Luís I atingir uma idade bonita.

A velha colectividade, vivendo sempre na beira do rio, dedicou-se com muita paixão aos desportos náuticos, como o seu nome impunha, e tal como pensaram os seus fundadores. No remo, e sua modalidade n.º 1, conseguiu em certas épocas colocar-se na vanguarda, junto do Sport Clube do Porto, Associação Naval e Clube Naval de Lisboa, Navegante da Figueira, Ginásio Clube Figueirense e Ginásio Clube Português, Naval Setubalense, etc. Ficaram célebres muitas regatas disputadas no Porto, em Lisboa e na Figueira, podendo dizer-se que o remo nacional viveu na altura da superioridade «fluvialista» alguns dias de grande alegria.

Além do remo, o Clube Fluvial Portuense, um ano campeão nacional absoluto, dedicou-se com entusiasmo à natação. Promoveu muitas provas, no Rio Douro — seu «campo» de manobras — e associados seus dirigiram Federações orientadoras das modalidades que mais lhe interessaram no primeiro período da sua existência.

Em época ainda pouco distante, dedicou-se o Fluvial ao basquetebol. A sua equipa tornou-se famosa e era considerado muito justamente o melhor de Portugal. Foram internacionais contra a França, no Porto e em Paris, os seguintes jogadores seus: José Diogo, António Soares e Vergílio Soares. O basquetebol portuense, pode afirmar-se, deve ao Fluvial a sua expansão segura, muito do seu prestígio actual entre os nortenhos.

O tiro nacional também mereceu a simpatia dos fluvialistas. Moisés Cardoso animou a fundação da Sociedade de Tiro N.º 43, anexa ao clube, ao mesmo tempo que conquistou para ele muitos campeonatos e taças. O andebol foi igualmente praticado pelo mais velho clube desportivo do Porto. Destituído, entretanto, nos primeiros anos da sua prática, certamente por se não quadrear com o «feitiço» da sua massa associativa.

Clube muito popular, o mais popular no seu género, formou muitos dirigentes, tanto para a colectividade como para outros organismos. E embora com alguns sacrifícios, muitos, mesmo, conseguiu atingir a bonita idade de 70 anos. Bem merece o Clube Fluvial Portuense as sinceras saudações da nossa Revista, entusiasmo com os belos exemplos que nos tem dado através de uma existência conspícuo e digna dos mais sinceros aplausos.

## Dois Estádios no Porto...

**T**ODOS os portuenses aguardam ansiosamente que o seu principal clube resolva aquilo a que se chama «o seu problema». Que tudo se encaminha para isso é certo e sabido, embora falte vencer ainda muitas dificuldades.

O futuro, porém, apresenta-se cor-de-rosa... A Câmara Municipal do Porto, por intermédio do seu ilustre presidente, sr. professor dr. Luís de Pina, disse há dias, no decurso de uma sessão, o que se passava quanto ao Estádio do F. C. P., nos seguintes termos:

«Como estão aprovados os planos, proceder-se-á imediatamente às expropriações. As da Areosa interessam a obras de valioso carácter social (bairros operários, estabelecimentos de indústria fabril, etc.) e desportivas. Ele inclui um estádio. O Futebol Clube do Porto está interessado, como sabem, na aquisição dos terrenos. Esta Câmara promoverá a sua rápida hasta pública de modo a, querendo e podendo, aquele clube concorrer a ela com o entusiasmo, a energia e a alegria próprios de quem devia, na verdade, dar um grande passo no caminho da sua vida associativa. A Câmara Municipal do Porto, assim, cumpre o que prometeu.»

Não existem, portanto, neste caso, dificuldades maiores a vencer. O F. C. do Porto tem já o caminho livre, e por isso será posta em realidade, o mais breve possível, a sua aspiração máxima.

Mas o professor sr. dr. Luís de Pina, na mesma sessão, prometeu ainda a construção de novo Estádio, na Foz do Douro. Vejamos também como se pronunciou sobre o caso:

«Zona Desportiva do Castelo do Queijo — (antigo Parque da Cidade) — Já definida, o seu projecto vai ser entregue imediatamente a um arquitecto urbanista desta cidade. Nesse plano coberão, além de um campo de golf, um estádio, o verdadeiro Estádio Municipal, e uma piscina desportiva. Em breve se encetarão diligências junto dos Srs. Presidente do Conselho e Ministro das Obras Públicas para obtenção de um largo subsídio para a construção do grande Estádio portuense, o segundo Estádio Nacional, que a cidade bem merece. Tal ideia a patentei já, pessoalmente e há tempos, ao sr. Presidente do Conselho.»

Os bons campos desportivos são sempre necessários, de mais a mais numa cidade laboriosa e desportiva como o Porto. Festejamos portanto esta mão cheia de promessas, aguardando confiadamente que se torne em realidade o grande desejo dos portuenses: — Ter um verdadeiro Estádio!

## Mosaicos nortenhos...

SOBRE Valongo havia, portanto, qualquer coisa... No dia em que dávamos conta do seu telegrama para o F. C. P., noticiava um conhecido e importante jornal desportivo lisboeta o seu ingresso no Sporting. Ora, segundo parece, a nossa informação estava certíssima...

Temos sempre o máximo cuidado em informar bem. O melhor possível, pelo menos.

♦ O ENCONTRO Boavista-Porto, depois de tudo bem analisado e revisto, não criou saudades. Os grupos não jogaram bem, e a disciplina deixou igualmente muito a desejar. Há jogadores e assistentes que se dão ao prazer de confundir o jogo duro, elético, viril — com as jogadas escuras e maldosas.

Em nossa opinião, quem não tiver físico para se impor atléticamente, que cultive a habilidade o mais possível. Separar-se dela por «agredir» na sombra, não nos parece aceitável... nem desportivo.

♦ O ACADÉMICO parece disposto a lutar com muito brio. Perdeu apenas por uma bola de diferença no Bessa, contra o Boavista, e foi a Leça ganhar ao clube da casa. Segundo o seu treinador Albertino Andrade, antigo defeso do grupo de honra, o popular clube do Lima não perdeu a esperança de se classificar bem.

Assim seja. Oxalá o futebol portuense consiga impor-se devidamente, mas com decisão. O que temos visto até aqui, serve apenas e tal trivialidade própria para trazer por caso...

♦ MAIS uma vez os clubes portuenses de hoquei em patins ficaram mal classificados no torneio máximo. Este ano nem o Académico, campeão regional, conseguiu bom lugar, visto que foi vencido duas vezes pelo Infante de Sagres.

Temos de dar tempo ao tempo. Entretanto, recorde-se que o hoquei patinado, nesta cidade, está por assim dizer na infância.

♦ VAMOS assistir a um torneio «internacional» (entre clubes) de basquetebol, com o América, campeão de Madrid, Vasco da Gama, F. C. do Porto e Benfica, campeão de Portugal. Pelo menos na altura em que escrevemos, tal está combinado... Quando se trata de uma visita por parte dos clubes de Espanha é sempre bom estar alerta, para o que der e vier!

A propósito lembramos que os campos destinados à prática do basquetebol não servem já para a aflição do público. Se qualquer empresa ou clube se desse ao trabalho de construir um novo campo, não perderia com certeza o seu tempo.

## REVISTA DA SEMANA

**FUTEBOL** — Resultados desta jornada: Leixões-F. C. do Porto, 1-1; Salgueiros-Académico, 0-5; Boavista-Leça, 4-3. O único team que perdeu em casa: — Salgueiros. Outro que não perdeu nem ganhou: — Leixões. Melhor resultado da 3.ª jornada, a contar apenas com os números: — o do Académico. Resultado que poderá ter mais projecção no torneio, que serve apenas para «indicar o segundo»: — o do Leixões. Clubes que parecem destinados aos últimos lugares: Leça e Salgueiros.

A jornada de Matosinhos, como se compreende, era a mais importante. O Leixões, a despeito do empate cedido no campo do Salgueiros, tem seguras aspirações ao segundo lugar, e, por isso, deveria apresentar-se «disposto a jogar tudo por tudo». E é que esteve mesmo. Além disso, contra o F. C. do Porto, todos os «teams» procuram actuar o melhor possível.

Assim dispostos as coisas, diga-se que não desagradou totalmente o jogo, disputado em ambiente matosinhense. O Leixões marcou primeiro, mas antes de concluir-se os 45 minutos, obteve Lourenço o empate. Na segunda parte nenhum dos grupos marcou.

O conjunto de Matosinhos principiou bem o encontro, mas nos últimos minutos viu-se em sérias dificuldades para destruir os ataques consecutivos do F. C. do Porto — que não queria sair do campo sem a vitória. A defesa forte dos encarnado-brancos, entretanto, garantiu-lhes o empate e, quem sabe, boas possibilidades no decorrer do torneio...

Há agora dois aspirantes para um lugar: Boavista e Leixões...

O árbitro anulou inexplicavelmente um «goal» ao F. C. do Porto. Os grupos:

**F. C. do Porto** — Barrigana; Francisco e Guilha; Anjos, Romão e Alfredo; Lourenço, Araújo, Sanfins, Felção e Catolino.

**Leixões** — Lopes; Caseiro e Relito; Almeida, Adão e Alexandre; Benites, Pedro, Costa Pereira, Roberto e Delfim.

O Salgueiros, mesmo no seu campo, não pôde evitar novaderrota expressiva. O Académico parece disposto a algumas surpresas, e há quem julgue a sua equipa muito capaz de provocar de novo a rivalidade Porto-Académico. O seu grupo é constituído por gente nova e habilidosa, servida por dois defesas experimentados: — António Jorge e Rafael. A formação salgueirista mostra pouca alegria na luta. E a sua juventude é pouca...

O Boavista, por sua vez, teve dificuldades perante o Leça. O conjunto de «xadrez», que deseja classificar-se para o campeonato nacional, tem de precaver-se bastante contra os adversários que tem à sua volta...

**CICLISMO** — A Associação de Ciclismo do Porto promoveu provas velocipedicas para ciclistas populares, no percurso Porto-Povoão-de-Varzim-Porto. Venceu Oliveira Maia, um rapaz do Rigueirense, com uma interessante média: 29,117 quilómetros. Amâncio Maia, de Penafiel, classificou-se em 2.º lugar com o mesmo tempo.

A esta prova concorreram 64 praticantes, o que prova o interesse que despertou, e o conhecido corredor «independente» do F. C. do Porto, Aniceto Bruno, prestou aos corredores assistência técnica.



# FUTEBOL

## Em Inglaterra

O Campeonato das Ligas continua a disputar-se com grande afluência de público, nas tardes de sábado e quarta-feira.

Os últimos resultados, referidos à data em que redigimos (28), expressam a vitória do Charlton Athletic sobre o Leeds United, no terreno do primeiro, pelo destacado total de 5-0. Na primeira parte, o finalista da Taça marcou quatro tentos por meio de Welsh, Revell (2), Robinson e Lancelotte. Distinguiu-se no lugar de avançado-centro da equipa vitoriosa um jovem de nome Browning. Apesar dos seus escassos dezoito anos, a crítica assinalou-o como futuro astro da linha dianteira.

O resultado do jogo, copioso em demasia, representa mais o fracasso do trio defensivo do Leeds que as virtudes do clube londrino.

O Huddersfield e o Sunderland empataram sem haver golos de parte a parte.

Na 2.ª Liga, o Birmingham City conseguiu bater por 1-0 o West Bromwich Albion num jogo banal, desprovido de beleza.

Goodwin, no lugar de ponta direita, foi o melhor jogador do grupo vencedor e o médio-direito do W. Bromwich, Witcomb, lutou com admirável energia e sentido tático a favor dos seus companheiros.

O Bradford e o Bury marcaram cada qual duas bolas nas redes contrárias.

Os principais resultados da 3.ª Liga foram os seguintes:

Norte — Chester venceu Southampton (2-1) e Wrexham com Rochdale empataram (2-2).

Sul — Queens Park Rangers bateu o Bournemouth (3-0).

No sábado (21), os resultados mais importantes da 1.ª Liga haviam sido:

Arsenal perde com Derby County (2-1) na presença de 63.000 espectadores; Blackburn Rovers com o Wolves (2-1); o Blackpool vence o Aston Villa (1-0); o Brentford perde com Sunderland (3-1) e o Charlton com Sheffield United (2-1).

A classificação actual é a seguinte:

1.ª Liga: Blackpool (12 pontos) em 8 jogos disputados; Manchester United (11 pontos) e 7 jogos; Sunderland (10 pontos) e 7 jogos, etc.

2.ª Liga: Barnsley (13 pontos) e 7 jogos; Manchester City (10 pontos) e 6 jogos; Newcastle (9 pontos) e 7 jogos, etc.

3.ª Liga (Norte): Doncaster R. (12 pontos).

3.ª Liga (Sul): Queens Park Rangers (12 pontos).

Uma análise rápida dos resultados, nos desafios que se disputaram «em casa» e «fora-de-casa», revela bem a importância e a vantagem dos primeiros sobre os segundos.

Nos 44 encontros de sábado (21) os grupos das três Ligas obtiveram 25 vitórias «em casa» contra 13 «fora de casa». Os restantes foram empates (6).

Uma proporção de cinquenta por cento, conforme se vê!

# A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

## NOTA DA SEMANA

MUITAS pessoas, pertencentes à comunidade dos que pagam impostos ao Estado por causa dos rendimentos, e no número das quais se encontram os pugilistas britânicos, estão agora com os sentidos bem afinados e despertos.

Isto sucede — evidentemente — na Inglaterra, onde cada jogador de soco cede a favor do Tesouro, conforme a totalidade das «bolsas», uns tantos por cento.

É o caso que, em cada libra honradamente adquirida no «ring» com sangue, suor e lágrimas de dor, provocadas pelos murros do adversário, o Estado auferir oito xelins e meio de contribuição. Quase quarenta e três por cento!

Mas não é tudo. Se o total das «bolsas» ultrapassa 2.500 libras, pagará um imposto adicional de dois xelins e meio por cada 500 libras, até à cifra de 5.000, e para cima desta quantia só tem direito a arrecadar dois magros e míseros xelins em cada libra autêntica que o empresário lhe pagar pelo seu trabalho.

Reparem os leitores: uns escassos dez escudos por cada cem que figuram no contrato, além dos quinhentos contos anuais!

A Inglaterra passa por ser um país enraizadamente conservador e capitalista, mas, neste pormenor de taxas e impostos, sangra sem piedade nem dó os que têm, em benefício dos que precisam, por intermédio da nau do Estado. Bem haja!

Mas o nosso caso particular — o dos pugilistas — afigura-se um tanto bocado e fora de propósito. As despesas de treino ascendem, por vezes, a duzentas e trezentas libras e a Federação cobra uma percentagem fixa de 5 por cento sobre a totalidade da «bolsa».

Haçemos de concordar que a situação não é brilhante. Em Portugal, existe muito mais liberdade de cada um arrecadar o dinheiro que recebe no «ring» — sem intervenção dos serviços de impostos — e aumentar o seu pecúlio indefinidamente.

Os ingleses também começaram a compreender que se tornava necessário reagir contra as exigências do Tesouro e foram, precisamente, os jogadores do soco os primeiros a tomar a iniciativa. Assim, Fred Mills, campeão dos «meio-pesados», recusou há dias uma oferta de 12.000 libras (mil e duzentos contos...) para efectuar até Dezembro dois desafios importantes, contra Gus Lesnevich e Joe Baksi.

O seu cuidador, Broadribb, ao ser-lhe apresentada a proposta, retorquiu:

— «Fred não lutará até Dezembro porque seria fazê-lo em benefício do imposto de rendimento. Dessas doze mil libras apenas lhe caberiam mil e duzentas, com as quais tinha de pagar grandes despesas...»

Bruce Woodcock pensa de igual maneira e o empresário Jack Salomons segue-lhes as pisadas.

O curioso do caso está na altitude que outras individualidades não desportivas pensam assumir, guiando-se pelo exemplo dos pugilistas mencionados.

Na verdade, o Estado não deve olhar o desporto como uma fonte de receitas a aproveitar e exaurir, seja qual for o pretexto e a oportunidade a que lance mão.

R. B.

## NATAÇÃO

### Alex Jany bate outro recorde europeu

DELA terceira vez, em quatro dias consecutivos, o nadador francês Alexandre Jany bateu um recorde de natação, percorrendo a distância de 400 metros (estilo livre) no tempo de 4 m. 45,8 s.

O anterior pertencia ao húngaro Tactos, com mais duas décimas de segundo.

Jany encontra-se neste momento na posse do recorde de 200 metros (mundial) e dos 100 metros (europeu), além do que acaba de estabelecer.

## BOXE

### Excelente vitória dum pugilista britânico

O pugilista galês Cyril Gallie, de Cardiff, actualmente nos Estados Unidos, pôs fora de combate, ao 5.º assalto de um match concluído em oito, o preto Willie Olom, de Chicago.

A luta efectuou-se na Broadway Arena, de Brooklyn, na terça-feira à noite. O britânico comandou os acontecimentos com grande autoridade e puniu Odum severamente.

A crítica americana refere-se elogiosamente ao trabalho de Gallie, apontando-o como eventual sucessor de Ted (Kid) Lewis, na categoria dos meio-médios.

### As receitas do combate Louis-Mauriello

FINANCEIRAMENTE, o combate entre Louis e Tami Mauriello foi pouco brilhante. Segundo notícias dos jornais americanos, a receita bruta ascendeu a 384.063 dólares, dos quais 40 por cento cabem ao campeão, quinze ao pretendente e o restante aos empresários.

O mulato de Detroit descansará até Fevereiro e pensa em lutar contra o campeão inglês, Bruce Woodcock, se acaso este último obtiver um britânico que se abalance a organizar o desafio no país das libras.

### A Morte no «ring»

EM Jalapa, estado de Vera Cruz (México), um jovem de 16 anos, chamado Odilon Pérez, foi morto durante o quarto assalto de um combate de boxe. O seu adversário, Dimas Patrappa, levava uma vantagem de peso de dezoito quilos (!), de tal modo que a desproporção física entre os dois contendores podia fazer prever a fatalidade que sucedeu.

Isto foi no México. É claro que também podia acontecer no nosso país...

## ATLETISMO

### O desafio Dinamarca-Noruega

EM Oslo travou-se uma competição atlética entre noruegueses e dinamarqueses, de carácter internacional, que durou dois dias consecutivos. No fim do torneio, a Noruega obteve uma margem de dois pontos, concluindo o match vitoriosamente por 103 a 101.

### O encontro Itália-Suíça

NO Estádio de Zurique efectuou-se o desafio de atletismo entre a Suíça e a Itália. Os principais resultados das provas foram os seguintes:

100 metros: Monti (Itália) em 10,7 s.; 200 metros: Monti (Itália) em 21,9 s.; 400 metros: Hertmeier (Suíça) em 48,8 s.; 5.000 metros: Noceo (Itália) em 15 m. 7,9 s.;

110 metros: (barreiras) Bernhardt (Suíça) em 15 s.; Disco: Consolini (Itália) — 52,72 metros.

No fim do torneio, a Itália havia conseguido vencer por uma apreciável margem de pontos.

## TÊNIS

### A final da Taça Davis

DEPOIS da derrota da Suécia — finalista da zona europeia — por cinco a zero, em frente dos Estados Unidos, aparece como muito discutível que a Austrália possa conservar a Taça Davis em seguida ao encontro com os tenistas americanos, que se realizará em Dezembro.

O capitão da equipa, Walter Pete, conta deslocar aos Antípodas os seis jogadores seguintes: Jack Kramer, Tom Brown, Frank Parker, Gardner, Mulloy e William Tabbert.



## Academico-Salgueiros



Os avançados do Académico, por diversas vezes, jogaram na grande área do Salgueiros



Trindade salta a defender, sob a ameaça de Pereira Leite

## PORTO-LEIXÕES



Sanfins, do F. C. P., sustenta luta vigorosa com o defesa Caseiro, do Leixões



Uma defesa do guarda redes do Salgueiros

## FAMALICÃO - SPORTING de BRAGA



Catolino passa a defesa do Leixões e vai centrar



Salvador, oportuníssimo, defende a sóco, ante o ameaçador Pires



**A BICICLETA**

**FLECHA**

**VENCEU A**

**XI VOLTA A**

**PORTUGAL**



# Stadium

A BICICLETA

